

# AS FAMÍLIAS RURAIS NAS FEIRAS LIVRES: ESPAÇOS DE PRODUÇÃO, COMERCIALIZAÇÃO E CONSUMO

*Rural families at free fairs: spaces of production, commercialization and consumption*

Ezequiel Redin

(Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri –  
UFVJM - Campus Unai, MG)  
ORCID iD <https://orcid.org/0000-0002-3750-8225>

Bruna Saldanha Vogelei

(Faculdade Metodista Centenário-RS)

## Informações do artigo

Recebido em 25/01/2020

Aceito em 19/05/2020

doi: <https://doi.org/10.25247/2447-861X.2020.n249.p111-136>



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

## Como ser citado (modelo ABNT)

REDIN, Ezequiel; VOGELEI, Bruna Saldanha. As famílias rurais nas feiras livres: espaços de produção, comercialização e consumo. **Cadernos do CEAS: Revista Crítica de Humanidades**. Salvador, v. 45, n. 249, p. 111-136, jan./abr. 2020. DOI: <https://doi.org/10.25247/2447-861X.2020.n249.p111-136>

## Resumo

O trabalho objetiva analisar e compreender os motivos que conduzem as famílias rurais a comercializar seus produtos na feira livre, além de identificar o perfil socioeconômico das famílias feirantes, a produção e suas relações de comercialização e consumo em Santa Maria, RS. Para isso utilizou-se um roteiro semiestruturado que foi aplicado na feira da Tancredo Neves e na feira da Praça Roque Gonzales em Santa Maria, RS. A pesquisa revelou que os agricultores escolhem as feiras livres por constituir-se um canal flexível e pouco burocrático onde conseguem maior preço pelo produto ao comparado com os estabelecidos pelo mercado tradicional. As famílias rurais feirantes possuem uma renda residual relevante, dadas as restrições no tamanho da propriedade, sendo que a feira representa um complemento na renda familiar, demonstrando a importância deste canal para a reprodução econômica da família e também para o desenvolvimento rural do município de Santa Maria, RS.

**Palavras-chave:** Agricultura familiar. Feiras livres. Construção social de mercados. Circuitos curtos. Pluriatividade.

## Abstract

This paper aims to analyze and understand the reasons that lead rural families to market their products in the free market, besides identifying the socioeconomic profile of the fair families, the production and their relations of commercialization and consumption in Santa Maria, RS. For this we used a semi-structured script that was applied at the Tancredo Neves fair and at the Roque Gonzales Square fair in Santa Maria, RS. The survey revealed that farmers choose free markets because it is a flexible and less bureaucratic channel where they get higher price for the product compared to those established by the traditional market. Farmers have a significant residual income, given the restrictions on the size of the property, and the fair represents a complement to family income showing the importance of this channel for the economic reproduction of the family and also for the rural development of Santa Maria, RS.

**Keywords:** Family Farming. Free fairs. Social construction of markets. Short circuits. Pluriactivity.

## Introdução

O Brasil é um país com grande potencial para a agricultura, pois possui vasta extensão de terras, o clima é favorável e tem água em abundância, fatores propícios para o desenvolvimento da prática agrícola, o que contribui para o seu desenvolvimento. Nos últimos anos, o Brasil está vivenciando várias crises e uma instabilidade na economia. Contudo, o Produto Interno Bruto (PIB) dos agronegócios cresceu 0,6% em fevereiro e acumulou uma alta de 1,09% nos primeiros dois meses de 2016, segundo a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA, 2006) e o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Universidade de São Paulo (CEPEA, 2016).

Nos últimos anos, a agricultura familiar intensificou o processo de especialização na agricultura em prol da produção de alimentos no Brasil. Segundo Schneider (2003), a agricultura familiar utiliza a força de trabalho dos indivíduos que residem na propriedade, sua produção é de pequena escala, pois enfrenta barreiras climáticas, pouca disponibilidade de terra e tecnologia, o que os leva a procurar outros meios de complementar a renda.

Em 2006, no Brasil, a Lei n. 11.326 definiu a agricultura familiar com as características que envolvem o desenvolvimento de atividades econômicas no meio rural e que atendem a alguns requisitos básicos, tais como: não possuir propriedade rural maior que quatro módulos fiscais; utilizar predominantemente mão de obra da própria família nas atividades econômicas de propriedade; e possuir a maior parte da renda familiar proveniente das atividades agropecuárias desenvolvidas no estabelecimento rural (BRASIL, 2006).

Os dados do Censo Agropecuário no Brasil, realizado no ano de 2006 pelo IBGE, apontavam que, aproximadamente, 84,4% dos estabelecimentos agropecuários do país são tipificados como de agricultura familiar. Em termos absolutos, eram 4,36 milhões de estabelecimentos agropecuários, entretanto, a área ocupada pela agricultura familiar é de apenas 80,25 milhões de hectares, o que correspondia a 24,3% da área total ocupada por estabelecimentos rurais (IBGE, 2006).

Entende-se que a agricultura familiar para o país é essencial para a produção de alimentos e para a economia primária. No entanto, a restrição nos fatores de produção impõe limitações na produção de culturas comerciais em larga escala quando comparados à agricultura patronal, o que não os coloca em diferenciação na cadeia produtiva. Assim, as famílias rurais com unidades de produção de pequena escala precisam diversificar a produção

em estratégias produtivas que envolvem a mão de obra familiar e encontrar alternativas de comercialização dos produtos que destoam dos canais de comercialização convencionais. Nessa seara, algumas famílias buscam nas feiras livres uma forma de agregar valor ao produto e conquistar um mercado que tem relação direta com o consumidor.

A organização de feiras nos centros urbanos pelos agentes de desenvolvimento tem estimulado os agricultores a criar novos canais de comercialização e agregação de valores aos produtos da agricultura familiar, além de incentivar a diversificação da produção de alimentos na unidade familiar. Com a especialização da agricultura, houve uma redução na produção de alimentos em relação à produção de commodities agrícolas. Segundo o Portal Brasil (2015), 70% dos alimentos que fazem parte da dieta do brasileiro provêm da agricultura familiar. Nesse sentido, as feiras são espaços de construção social relevantes para inserir agricultores que estão à margem da economia de escala, bem como este espaço de comercialização fornece nova fonte de renda para a família rural, contribuindo para que permaneçam no campo.

Considerando esta alternativa como espaço importante para a comercialização da produção da agricultura familiar, este trabalho foca nos agricultores do município de Santa Maria – RS que usam as feiras livres urbanas como um dos canais de comercialização da sua produção. Existe um número razoável de feiras na cidade de Santa Maria que se estabelecem como um canal de comercialização alternativo as grandes redes varejistas. Nesse contexto, surge uma proposta de investigação que tem o seguinte problema de pesquisa: quais os motivos que levam os agricultores do município de Santa Maria – RS a escolherem as feiras livres para comercializar seus produtos?

Assim, o objetivo geral consiste em analisar e compreender os motivos que levaram os agricultores familiares a comercializar seus produtos nas feiras da Praça Roque Gonzales e na feira da Tancredo Neves no município de Santa Maria, RS. Além disso, como objetivos específicos se busca: a) identificar o perfil socioeconômico das famílias rurais que comercializam os seus produtos nas feiras da cidade de Santa Maria; b) identificar a importância das feiras para as famílias produtoras; c) compreender os principais fatores que influenciam as famílias a comercializar os produtos nas feiras livres em Santa Maria.

A investigação foi realizada na feira na Praça Roque Gonzales (em frente ao Hospital de Caridade Dr. Astrogildo de Azevedo – HCAA) por estar situada no centro da cidade e também uma pesquisa no bairro Tancredo Neves, considerado um dos bairros mais

populosos de Santa Maria. Nesse sentido, optou-se por uma análise comparativa para auxiliar na compreensão do comportamento dos agricultores em relação ao ponto de comercialização e seus interesses de continuidade no canal, o que, de certa forma, traz elementos para discutir a permanência desses espaços alternativos de comercialização e consumo.

Após essas breves considerações, adiante, trazem-se elementos teóricos sobre a agricultura familiar e as formas de comercialização. Na segunda seção, trata-se de compreender conceitualmente a categoria agricultura familiar, sendo que, posteriormente, é abordada a construção social de mercados. Na terceira seção, será apresentada a metodologia deste trabalho, que envolve um estudo de caso comparativo das feiras livres em Santa Maria, RS. Na quarta, dedicamo-nos a compreender as semelhanças e as diferenças existentes entre as famílias rurais feirantes e a sua motivação para o canal de comercialização de circuito curto no município. Por fim, são tecidas as considerações finais deste estudo.

### **Pluriatividade, produção de alimentos e os espaços alternativos de comercialização**

Nesta seção, apresenta-se o referencial teórico, onde encontram-se os conceitos que abrangem o tema em estudo, iniciando-se pela agricultura familiar e pluriatividade, seus conceitos e definições, além de tratar da produção de alimentos na agricultura familiar e da construção social de mercados na agricultura familiar. Esta seção objetiva fundamentar teoricamente o tema estudado e as informações auxiliam no desenvolvimento de um olhar próximo as realidades das famílias rurais feirantes em Santa Maria, RS.

#### **Agricultura familiar e pluriatividade: conceitos e definições**

A agricultura familiar brasileira está alicerçada na participação dos membros que residem na propriedade rural, com atividades agrícolas ou não agrícolas, muitas vezes, trabalhando com uma pequena quantidade de terra e com poucas tecnologias, ou seja, conceitualmente definida como capaz de gerir a propriedade, estando baseados em fatores materiais, sociais e econômicos (RODER; SILVA, 2013). Finatto e Salamoni (2008) afirmam que grande parte da mão de obra é familiar, sendo aplicada no cultivo de variedade e quantidade de produtos que são consumidos interna e externamente, fundamentais na tarefa de fornecer alimentos tanto para o meio rural quanto no urbano. Para Cheung (2013),

a agricultura familiar é definida, historicamente, como indivíduos que produzem alimentos para seu próprio consumo e o excedente é comercializado no meio urbano, porém, o impacto da propriedade ultrapassa a questão de mero produtor de alimentos, alcançando dimensões que atuam no desenvolvimento social de regiões rurais.

Ainda no contexto da importância que a agricultura familiar proporciona no desenvolvimento social, existe a chamada pluriatividade, que, conforme Schneider (2003), é definida como um novo fluxo social que acontece nas unidades familiares nas quais os membros das famílias passam a se dedicar em atividades não agrícolas que podem ser praticadas dentro ou fora da propriedade rural. Assim, os indivíduos que fazem parte da unidade de produção rural passam a desenvolver atividades variadas tanto econômicas quanto produtivas sem ser, essencialmente, ligadas ao cultivo da terra, sendo cada vez mais desenvolvidas fora da propriedade. Cruz (2012a) reforça a afirmativa anterior, pois a pluriatividade é mais que uma simples diversificação econômica para o produtor, tornando-se uma importante estratégia de integração entre o rural e o urbano, combinando atividades agrícolas e não agrícolas.

No Brasil, a agricultura familiar teve um grande avanço a partir de 1990 devido a movimentos sindicais do campo, que clamavam por reconhecimento e políticas públicas voltadas para o agricultor. Atualmente, os agricultores familiares obtiveram muitas conquistas, sendo reconhecidos e tendo legitimidade perante o Estado e a sociedade pela Lei nº. 11.326/2006, específica para delimitar as categorias, além de ampliação de direitos, como o da previdência social rural e de linhas de crédito particulares para os agricultores (NIEDERLE; FIALHO; CONTERATO, 2014).

Apesar desses avanços e do reconhecimento, Wanderley (2014) sustenta que, ao se falar em agricultura brasileira, logo vem a associação com grandes unidades produtoras de monoculturas, o que, de certa forma, deixa de lado a contribuição dada pela agricultura familiar para o país. Segundo o Censo Agropecuário de 2006, a agricultura familiar alcançava a cifra de 84,4% dos estabelecimentos agropecuários brasileiros, denotando a sua força e capacidade de produção. Em trabalho anterior, Wanderley (2009) traz outras perspectivas do mundo contemporâneo em que a agricultura familiar se faz presente, tendo um papel primordial como agente de mudança para questões como preservação do meio ambiente, formas de produzir menos agressivas, quantidade e qualidade dos alimentos, visando à segurança alimentar tão importante para a sociedade. Isso auxiliou e deu condições para que

as famílias permanecessem na unidade de produção rural, mantendo um equilíbrio natural entre o campo e a cidade. Adiante, tratamos da produção de alimentos em contexto de unidades de produção tipificadas como agricultores.

#### A produção de alimentos na agricultura familiar

A agricultura familiar tem a missão de produzir maior variedade e quantidade de alimentos saudáveis, sendo preciso pensar em um sistema agrícola que consiga ultrapassar esse desafio de alimentar a população mundial e, ainda, se adaptar à escassez de recursos não renováveis, criando um sistema mais sustentável, podendo ser uma categoria central nessas estratégias de desenvolvimento rural sustentável (WEID, 2009).

Buainain, Garcia e Vieira (2016) corroboram com a afirmativa das novas barreiras que a agricultura enfrentará devido a condições como mudanças climáticas, preservação do meio ambiente, recursos naturais não renováveis escassos e uma grande população que consome alimentos em grande escala, a agricultura deverá se utilizar de inovações científicas e tecnológicas; o desafio será produzir com a mesma quantidade de terra agricultável obtendo maior produtividade.

Balem, Silva e Silveira (2015) trazem um outro fator, ou seja, a agricultura familiar tem uma forte ligação com a expressão segurança alimentar, no entanto, ela pode ser observada de duas formas: a primeira é de que pode ser descrita como fonte criadora de trabalho e renda, e a segunda, como de fator incentivo à diversificação de alimentos para a dieta da família. A produção para o consumo familiar pode ser vista negativamente em relação à geração de renda, contudo, ao se analisar o crescente cenário de insegurança alimentar e nutricional, o setor é observado como a melhor solução.

O conceito segurança alimentar surgiu após a segunda guerra mundial, devido às devastações econômicas e sociais, somadas à incapacidade de produzir o próprio alimento nas regiões atingidas pela guerra. O termo está baseado em três preceitos: quantidade, qualidade e regularidade no acesso aos alimentos. O acesso ao alimento não pode ser confundido com disponibilidade do alimento, pois a população mais pobre pode não ter acesso a ele, devido à baixa renda ou a outros fatores. Ainda, o alimento disponível não pode trazer risco quanto à contaminação, ou qualquer outro fator que possa trazer risco à saúde além de que deve estar disponível constantemente (BELIK, 2003).

Niederle, Fialho e Conterato (2015) reforçam a importância da segurança alimentar no contexto social. Na última década, um tema que tem se destacado devido às inovações que foram adotadas no campo é a questão da segurança alimentar. As mudanças nos padrões de consumo alimentares e nutricionais que a população está vivenciando geraram uma epidemia na saúde pública que pode ser notada a partir de doenças relacionadas a esse comportamento. Para os autores, a agricultura familiar entra como uma estratégia para reverter esse quadro devido ao seu modo de produção, assumindo um papel relevante perante esse cenário (NIEDERLE; FIALHO; CONTERATO, 2015).

Abramovay (2010) reforça tal afirmativa a respeito dos padrões de consumo alimentares. Para ele, concomitantemente às tecnologias na produção, vieram novas e melhores formas de deslocamento e armazenagem, permitindo alimentar a população. Contudo, o consumo excessivo de alimentos traz doenças, como a obesidade e problemas cardiovasculares, ligados à forma nociva de se alimentar, que remete para outra realidade: o da grande degradação dos recursos naturais necessários para sustentar esse consumo excessivo.

Atualmente, com o aumento da integração dos mercados, surgem novos competidores que se enfrentam em um cenário competitivo e desafiador. Existe um movimento de consumo de alimentos que traz uma nova perspectiva aos padrões atuais, ou seja, a economia de valor, onde a qualidade dos produtos e processos tem um peso na hora da compra para determinados consumidores (KOHL; ANJOS; CRIADO, 2014). Nesse sentido, adiante, é tratado sobre a construção social de mercados como um espaço estratégico para as famílias rurais e sua reprodução social.

#### A construção social de mercados na agricultura familiar

As relações mantidas pela agricultura familiar podem ser exemplificadas por cadeias integradas a grandes cooperativas, corporações agroindustriais, indústria alimentar e a redes regionais de supermercados. Tais relações podem ser estabelecidas de formas contratuais ou por elos comerciais. Os principais produtos comercializados nessas cadeias são: grãos (milho, soja ou trigo), animais para abate, leite e frutas. Os circuitos regionais de escoamento da produção formam-se, geralmente, no interior ou ao redor de núcleos urbanos. Esses circuitos ainda podem contar com cooperativas constituídas por agricultores com pequenas extensões

de terra, tendo o papel de beneficiar os produtos agrícolas e com agentes distribuidores, como feiras livres, sacolões, pequenos supermercados e até mesmo a venda direta para o consumidor. A agricultura familiar em pequena escala auxilia estabelece elos comerciais e produtivos regionalmente, que contribuem para a distribuição de produtos diferenciados (MALUF, 2004).

Segundo Cruz (2012b), as redes alimentares alternativas estão colaborando para a valorização dos alimentos considerados de qualidade, criando relações de consumo baseadas na confiança e na regionalidade. É de grande importância para o consumidor saber a origem do produto e a estipulação de garantia quanto à segurança alimentar e ao valor nutricional.

Os chamados circuitos curtos de comercialização caracterizam esse novo mercado que está se desenvolvendo, sendo que, para Silva e Deon (2015), eles se utilizam de interações sociais que são assinaladas por peculiaridades regionais de sistemas de produção e consumo, marcados por relações interpessoais, constituídos de normas e valores visando ao consumo local. Os circuitos curtos de comercialização conseguem uma proximidade com o consumidor, relação que é alicerçada pela confiança e reciprocidade que o sistema convencional não consegue alcançar. O agricultor é um dos principais agentes dessa construção, pois é responsável por organizar as técnicas de produção, venda e agregação de valor nos produtos.

O desenvolvimento rural é um processo que muda seu foco e direção com o tempo. Atualmente foram agregadas atividades como agroturismo, produção de iguarias regionais, administração de paisagem e biodiversidade. Estas pluriatividades realizadas pelas famílias, além de fonte de renda, reparam as novas necessidades da sociedade (PLOEG, 2016).

Desde 2003, a agricultura familiar no Brasil recebeu incentivos significativos por meio de políticas públicas que auxiliaram os agricultores no acesso aos mercados, o que anteriormente constituía uma barreira na hora de comercializar seus produtos. A Lei n. 11.947, de 16 de junho de 2009, e a Resolução/CD/FNDE n. 38, de 16 de julho de 2009, marcam uma nova realidade para os agricultores familiares, que, agora, por lei, recebem uma política que incentiva o consumo de seus produtos na alimentação escolar. A resolução citada possui como critério que os alimentos adquiridos para alimentação escolar sejam oriundos da localidade, que, no mínimo, 30% dos alimentos seja comprado diretamente de agricultores familiares e ainda garante que a alimentação adequada é um direito fundamental do ser humano e que o poder público tem o dever de adotar políticas de segurança alimentar

necessárias. Essas medidas, além de auxiliar no ingresso dos agricultores no mercado, proporcionam uma diversificação da produção, pois criam uma demanda de produtos que tradicionalmente não eram comercializados (BALEM; SILVA; SILVEIRA, 2015).

Nesse sentido, com base neste referencial consolida-se a busca de mercados alternativos para a agricultura familiar. Adiante, a pesquisa apresenta os percursos metodológicos usados para compreender a racionalidade das famílias que comercializam nas feiras de Santa Maria, RS.

## Metodologia

O estabelecimento dos instrumentos metodológicos para a realização da pesquisa sobre as feiras livres em Santa Maria é primordial para a realização e validação dos achados desta investigação em relação às famílias rurais e aos canais de comercialização. Para Cruz (2009), o método científico estuda o fenômeno em questão de maneira coerente, utilizando o raciocínio lógico por meio de suposições que são validadas ou não, posteriormente, a partir da análise dos dados coletados.

A pesquisa foi realizada no município de Santa Maria, no estado do Rio Grande do Sul. O município está situado na região central do estado e sua produção está baseada na pecuária bovina de corte e na agricultura comercial de arroz e soja. A cidade possui 16 feiras livres, onde os produtores comercializam seus produtos em pontos diferentes do município e são os seguintes:

Quadro 1 – Feiras Livres do município de Santa Maria, RS

Feira	Denominação
1	Avenida Roraima (UFSM)
2	Rua Professor Teixeira
3	Br – 287 (em frente ao posto Santa Lúcia)
4	Rua Olavo Bilac
5	Rua 13 de Maio/Avenida Rio Branco
6	Rua Vale Machado
7	Igreja das Dores/ Travessa Padre Caetano
8	Rua Roque Callage/Angelo Uglione
9	Praça Roque Gonzales
10	Cohab Tancredo Neves
11	Rua Fontoura Ilha – Vila Schirmer
12	Parque Itaimbé

13	Avenida Liberdade
14	Avenida Helvio Bassos
15	Centro de referência de economia solidária Dom Ivo Lorscheiter
16	Polifeira na Universidade Federal de Santa Maria

Fonte: elaborado pelos autores.

Para tanto, nesta investigação, foi realizada pesquisa de campo, com dados primários, buscando compreender e analisar as formas de inserção no mercado dos agricultores familiares feirantes vinculados às feiras da Praça Roque Gonzales e do Bairro Tancredo Neves no município de Santa Maria, RS.

O estudo de caso é uma modalidade bastante utilizada em pesquisas qualitativas. Para Barros e Lehfeld (2007), o estudo é caracterizado pela sua pesquisa detalhista de uma determinada circunstância voltada à coleta e ao registro de informações. Nesse sentido, a pesquisa envolve o estudo de multicasos das duas feiras, sendo que esta pautada pelo método qualitativo, pois tende a explorar de uma forma mais subjetiva, levando em consideração as particularidades dos entrevistados. Conforme Cruz (2013), a pesquisa qualitativa procura entender determinados fenômenos de forma mais profunda, trabalhando com descrições, comparações e atribuição de significados, permitindo investigar valores e hábitos dos indivíduos do objeto de pesquisa.

A comparação é utilizada quando se tem dois ou mais fatos que possuem propriedades similares, ou seja, quando se utiliza o método da comparação está implícito que se faça uso do instrumento de análise, assim organizando o conhecimento e o tornando relevante (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007).

A feira da Praça Roque Gonzales é organizada no centro da cidade, em frente ao Hospital Astrogildo de Azevedo, acontecendo nas quartas e sextas-feiras, contando com cerca de 12 feirantes que atendem o público no período da manhã, entre as 07h até, no máximo, 12h30, sendo que cada feirante é responsável pela montagem e desmontagem da sua barraca. Na feira, existe uma grande diversidade de produtos, podendo-se encontrar pães, bolos, roscas, verduras, temperos, frutas, legumes e grãos como feijão. Na Tancredo Neves, a feira acontece na quarta e no sábado, no período da manhã, entre as 07h até as 12h, os feirantes são responsáveis pela montagem e desmontagem da estrutura onde seus produtos ficam expostos. Participam da feira em torno de 18 feirantes que comercializam frutas, legumes, alguns tipos de grãos, milho verde, rapaduras, doce de leite, bolos e pães, ovos, entre outros produtos.

Para se compreender as formas de inserção no mercado dos agricultores familiares participantes de feiras, foi aplicado um roteiro semiestruturado composto por questões em blocos: a) perfil da família rural feirante; b) perfil socioeconômico da propriedade; c) produtos comercializados na feira; d) relações de produção e consumo; e) motivação para comercializar na feira livre. A pesquisa foi aplicada em ambas as feiras no mês de outubro de 2017, integrando os agricultores na pesquisa em cada local. Na feira da Praça Roque Gonzales foram entrevistados cinco feirantes, enquanto na feira Tancredo Neves foram entrevistados oito feirantes, totalizando 13 entrevistas.

Após essa coleta, os dados foram tabulados, e foi realizada uma comparação e análise social da inserção nos mercados locais pelas famílias rurais. Os resultados desta pesquisa proporcionam a compreensão das famílias perante as relações de consumo que se formam nas feiras livres, bem como o perfil socioeconômico dos agricultores familiares e suas razões em escolher as feiras para comercialização dos produtos da agricultura familiar em Santa Maria, RS.

### **Os feirantes, as feiras e as relações de produção e comercialização**

Nesta seção, apresentam-se os resultados obtidos na aplicação da pesquisa na feira livre da Tancredo Neves e da Praça Roque Gonzales em Santa Maria, RS. As feiras livres são ambientes mais informais, onde se estabelecem relações de interação entre clientes e feirantes, as quais permitem uma aproximação e troca de saberes. Na feira da Tancredo Neves, encontram-se bancas simples, com pouca variedade e um número maior de feirantes, sendo o espaço em que se organizam na calçada da avenida principal onde expõem seus produtos em um clima alegre e harmônico. Na feira da Praça Roque Gonzales, as bancas têm uma estrutura mais organizada em que existem poucos feirantes, contudo, cada feirante tem uma grande variedade de produtos. Segundo os feirantes, virou tradição entre os funcionários de empresas próximas a compra de produtos como pães e bolos no começo da manhã, horários esse de maior pico para os feirantes. Os dados apresentados no decorrer do texto representam as informações obtidas por meio do instrumento de coleta de dados.

## Perfil da família rural feirante

Neste primeiro momento, foca-se na pesquisa realizada na feira da Praça Roque Gonzales. Dos cinco respondentes da pesquisa, dois são do sexo feminino e três são do sexo masculino. Quanto à idade, dois dos agricultores têm até 50 anos, e três deles têm acima de 51 anos. No que tange ao estado civil, os dados demonstram que dois dos entrevistados são solteiros e três casados. Quanto ao núcleo familiar, dois moram com duas pessoas e três responderam que moram com três pessoas ou mais na residência rural, conforme o quadro 2.

Quadro 2 – Perfil da família rural dos feirantes de Santa Maria

Dados do perfil	Variável	Feira da Praça Roque Gonzales	Feira da Praça Tancredo Neves
Idade	Até 50 anos	2	3
	Acima de 51 anos	3	5
Gênero	Masculino	3	4
	Feminino	2	4
Estado civil	Solteiro	2	0
	Casado	3	8
Número de pessoas que residem na propriedade	2 pessoas	2	3
	3 pessoas ou mais	3	5

Fonte: elaborado pelos autores.

De outro lado, os dados da pesquisa na feira da Tancredo Neves foram mais expressivos. Dos oito respondentes da pesquisa, quatro são do sexo feminino e quatro são do sexo masculino. Entre os feirantes todos os entrevistados são casados e mencionaram que o cônjuge auxilia na produção dos produtos e que, geralmente, as mulheres são responsáveis pelos panificios, queijos e os homens pelas hortaliças, grãos e frutas.

A feira é um canal de inserção social, conforme o depoimento de uma agricultora, que confidenciou que, antes, trabalhava como doméstica, contudo teve problemas de saúde e abandonou o emprego. Tem dias em que ela não consegue se locomover e a feira foi a maneira que encontrou para se inserir novamente no mercado, pois ela trabalha conforme o seu ritmo. Aqui, pode-se observar a importância da feira livre para os agricultores que encontram um mercado alternativo que acolhe suas particularidades e suas restrições com o mercado de trabalho. Outra agricultora revelou que a feira proporciona sua independência financeira, pois casou-se muito nova e, por muito tempo, foi dona de casa, sentia falta de

possuir maior autonomia. Então, depois que seus filhos cresceram, começou a fazer bolachas, pães e bolos para levar a feira e assegura que o dinheiro foi uma conquista, mas existe outro ingrediente que é muito importante para ela na feira, ou seja, a convivência com os clientes e com seus colegas feirantes.

Quanto à idade, três dos agricultores têm menos de 51 anos, e cinco deles têm acima de 51 anos. Na feira Tancredo Neves, todos os entrevistados são casados. Quando questionados sobre quantas pessoas habitam na residência do agricultor familiar, o resultado foi o seguinte: três deles responderam que moram com duas pessoas e cinco responderam que moram com três pessoas ou mais.

Verificou-se que, nas duas feiras, há uma maioria de feirantes acima de 51 anos. Quanto ao estado civil, onze dos treze entrevistados declararam ser casados. Outro dado interessante que existe é a equiparidade no que diz respeito ao gênero dos feirantes, demonstrando que a feira promove a inclusão das mulheres agricultoras familiares, que, além de produzirem os bolos, bolachas e pães, produtos tradicionalmente elaborados por elas, as agricultoras saíram da propriedade e foram desbravar as feiras livres.

#### Perfil socioeconômico da propriedade

A análise alusiva ao perfil socioeconômico da propriedade rural na feira da Praça Roque Gonzales demonstrou que cinco dos agricultores familiares responderam o roteiro de entrevista. Nesse sentido, quatro famílias entrevistadas apontaram que a faixa de renda familiar está acima de dois salários mínimos e um declarou receber entre um e dois salários mínimos. Em relação ao tamanho da propriedade, dois dos agricultores responderam que sua propriedade tinha entre um e dois hectares e três responderam que ela tem acima de dois hectares.

De certa maneira, pode-se considerar que os agricultores têm uma renda satisfatória, apesar de não dispor de uma grande quantidade de terras. Desse modo, ressalta-se a importância da feira livre como uma estratégia de reprodução econômica da família, pois, se num cenário onde não existisse a feira, a família rural teria dificuldade de encontrar outro meio de comercialização ou formas de renda em razão, também, de possuir pouca terra (fator de produção indispensável para se manter no rural) sendo que, possivelmente, a unidade de produção não seria possível ser mantida apenas com a produção de commodities. De certo

modo, para a uma família rural haveria a necessidade de rendas não-agrícolas para se manter no campo ou, ainda, em um cenário mais pessimista, venderia a propriedade e migraria para a cidade.

**Quadro 3** - Perfil socioeconômico das feiras livres da Praça Roque Gonzales e Tancredo Neves em Santa Maria, RS

Dados do perfil	Variável	Feira da Praça Roque Gonzales	Feira da Praça Tancredo Neves
Faixa de renda	1 a 2 salário	1	7
	Acima de 2 salário	4	1
Tamanho da propriedade	1 a 2 ha	2	4
	Acima de 2 ha	3	4
Exerce função fora de propriedade	Sim	-	5
	Não	5	3
Há integrante da família que exerça atividade fora da propriedade	Sim	2	4
	Não	3	4

Fonte: elaborado pelos autores.

Nesse contexto, a pesquisa apontou que os cinco entrevistados não exercem outra função fora da propriedade. Porém, ressaltaram que, entre a família, dois agricultores responderam que tinham integrantes que exerciam função fora da propriedade e três deles afirmaram que não, conforme quadro 3.

Por outro lado, o perfil socioeconômico da propriedade rural na feira da Tancredo Neves contou com oito dos agricultores familiares que responderam o roteiro de entrevista. Com base na faixa de renda familiar, um deles afirmou receber acima de dois salários mínimos e sete declararam receber entre um e dois salários mínimos. Com relação ao tamanho da propriedade, quatro dos agricultores informaram que sua unidade de produção estava entre um e dois hectares e quatro responderam que ela tem acima de dois hectares.

Apesar da quantia de terra ser pequena, os agricultores têm uma renda razoável, demonstrando que, independentemente do tamanho da propriedade, a alternativa encontrada para sobreviver no campo foi a diversificação da produção. A diversificação da produção é uma estratégia contrária à dos agricultores patronais, que optam pela produção de commodities em função de que possuem, geralmente, acima de quatro módulos fiscais; em outras palavras, possuem uma quantidade significativa de terra que permite empregar culturas comerciais em larga escala.

Partindo do contexto de que os agricultores têm uma pequena quantidade de terra, observa-se a importância da pluriatividade na propriedade. Nesse sentido, cinco dos agricultores informaram exercer atividade fora da propriedade e três responderam que suas atividades são concentradas somente na unidade rural. Contudo, os familiares também têm um papel no complemento da renda e quatro dos agricultores afirmaram que, na residência, havia familiares que exercem atividades fora da propriedade, e os outros quatro agricultores informaram que não há integrante, no momento, exercendo atividade fora da propriedade.

Comparando as informações citadas sobre o perfil socioeconômico das duas feiras, é possível constatar que a maioria dos agricultores familiares dedicam suas atividades somente dentro da propriedade, contudo, pode-se observar que existe uma boa fatia deles que afirmaram que outros integrantes da família exercem funções fora da propriedade. Há um indicativo da pluriatividade que está presente nas propriedades rurais que, conforme Schneider (2003), se caracteriza como um fenômeno que é cada vez mais frequente nas propriedades rurais onde os agricultores rurais realizam também atividades não-agrícolas, mantendo ligação de produção e moradia na propriedade familiar.

Os dados da pesquisa demonstram que há uma diferença em relação à faixa de renda familiar entre as famílias entrevistadas que participam das feiras. A maior faixa de renda foi atribuída à feira da Praça Roque Gonzales, sendo que quatro dos entrevistados afirmaram receber acima de dois salários mínimos. Na feira da Tancredo Neves, o resultado foi exatamente o contrário, pois sete dos oito agricultores responderam possuir uma faixa de renda entre um e dois salários mínimos.

#### Funcionamento da feira

A investigação na feira da Praça Roque Gonzales, referente à coleta de dados sobre o funcionamento da feira, mostra que a maioria dos agricultores, ou seja, quatro deles estão na feira entre um e cinco anos, e apenas um feirante está há mais de cinco anos. Dois dos produtores compram produtos que comercializam na feira e que não são produzidos na propriedade, e três afirmaram que a origem dos produtos é exclusivamente da unidade de produção familiar. Um dos agricultores informou que tem origem na feira a sua principal fonte de renda e quatro dos agricultores declaram que a feira é um complemento relevante na renda familiar, conforme o quadro 4.

Quadro 4 – Funcionamento das feiras livres da Praça Roque Gonzales e Tancredo Neves em Santa Maria, RS.

Dados do perfil	Variável	Feira da Praça Roque Gonzales	Feira da Praça Tancredo Neves
Tempo de feira	1 a 5 anos	4	1
	Acima de 5 anos	1	7
Leva produtos para feira produzidos fora da propriedade	Sim	2	1
	Não	3	7
Importância da feira	Principal fonte de renda	1	3
	Complementa a renda	4	5

Fonte: elaborado pelos autores.

Os produtos que são encontrados na feira da praça Roque Gonzales são: bananas, laranja, limão, jabuticaba, mandioca, mel, cenoura, beterraba, feijão, ovos, leite, queijo, pães, diversas variedades de bolos e bolachas, rapaduras, compotas entre outras variedades de panifícios, frutas e legumes. Ainda, os agricultores informaram que alguns produtos são tabelados, tais como os legumes, ovos e frutas que, geralmente, o que difere são os panifícios e as compotas. A média de faturamento por feira realizada, segundo os agricultores, envolve a faixa entre R\$80 a R\$150,00 ao dia, obtendo maior faturamento no começo do mês. Ainda informaram que o órgão responsável por regulamentar o agricultor na feira é a prefeitura e que não existe nenhum tipo de organização entre os feirantes estabelecendo o que cada um irá comercializar.

Na feira da Praça Roque Gonzales, em relação ao funcionamento, mostra que apenas um agricultor está na feira entre um e cinco anos, e sete estão há mais de cinco anos. Quanto à comercialização dos produtos, se são adquiridos produtos fora da propriedade para vender na feira, tem-se que um dos produtores respondeu que sim e sete afirmaram que somente comercializam o que produz na propriedade. Quanto à importância que a feira representa em suas vidas, três agricultores responderam que a feira é sua principal fonte de renda e cinco agricultores responderam que ela complementa a sua renda.

Os produtos que são encontrados na feira Tancredo Neves são os mesmos encontrados na feira da praça, não existem diferenças quanto aos produtos. Ainda, os agricultores informaram que alguns produtos são tabelados como os legumes, ovos, e frutas e que, geralmente, o que difere são os panifícios e as compotas.

A média de faturamento por feira, conforme informação dos agricultores, envolve os valores entre a faixa de R\$80 a R\$130 ao dia, obtendo maior faturamento no começo do mês. Neste caso, igualmente à outra feira, a fiscalização também compete à gestão municipal e não há regras quanto aos produtos que cada feirante traz para a comercialização. Neste espaço, observa-se que existem mais feirantes participando, contudo, o feirante tem pouca quantidade e variedade. Observou-se que, alguns agricultores, ainda utilizam o caderninho para vendas a prazo (fiado) e até mesmo existem clientes que pagam por mês, revelando uma relação mútua de confiança. Segundo Nora e Zanini (2015), nas feiras livres, os feirantes conseguem ter uma relação face a face com seus clientes, estabelecendo um trato de confiança e camaradagem e construindo uma intimidade que os canais convencionais não conseguem obter.

Comparando as feiras estudadas, existem grandes semelhanças nas informações colhidas quanto ao que cada feirante comercializa, às regras estabelecidas, ao tabelamento dos preços de alguns produtos e quanto ao órgão que regulamenta o feirante para comercialização. Segundo as informações dos agricultores, entrevistados em ambas as feiras, é unânime entre eles que não existe uma programação do que cada um irá produzir e comercializar, assim, tornando a feira um espaço de autogestão, com autonomia na hora de produção já que estes produtos, em sua grande maioria, são utilizados para o autoconsumo na unidade familiar e o excedente é comercializado.

Vale ressaltar que uma das características da agricultura familiar é a produção do seu próprio alimento e a venda geralmente é feita a partir da produção excedente. As mudanças que o agricultor contemporâneo enfrenta, atualmente, fizeram com que muitas práticas e cultivos tradicionais fossem abandonados, contudo, a produção para o consumo familiar é uma prática recorrente que desenvolve diversos papéis na reprodução social desde a diversificação da produção até a geração da segurança alimentar e nutricional (GRISA; GAZZOLA; SCHNEIDER. 2010).

Na organização e funcionamento das feiras estudadas, pode-se notar uma diferença na relação dos feirantes. Na feira da Tancredo Neves se percebe que os feirantes cooperam uns com os outros, estabelecendo uma relação amigável. Este comportamento pode ser explicado, pois todos residem no mesmo bairro. Por outro lado, na feira da Praça Roque Gonzales percebe-se que há uma certa competitividade entre os feirantes, mas não que ela não seja, de fato, diferenciada, mas há um tratamento mais formal entre eles. Nesse caso,

deve-se considerar que, nesta feira, os feirantes vêm de localidades diferentes do município. Outra diferença que se pode destacar é que a feira da Praça envolve um menor número de feirantes, porém eles têm mais diversidade e quantidade em comparação com a feira da Tancredo Neves onde se encontram mais agricultores. Adiante, abordam-se a motivação dos feirantes neste espaço de aproximação entre produtor e consumidor e a criação de espaços alternativos de comercialização.

### Motivação para comercializar na feira

Motivação é um elemento relevante para entender o que leva os agricultores a comercializar seus produtos na feira. Para os agricultores da Praça Roque Gonzales, na hora de escolher este espaço, foi levado em consideração o ponto de venda, para os cinco agricultores entrevistados. Contudo, a localização possui fatores adjacentes que influenciaram na escolha da feira em questão, em virtude do envolvimento na sucessão familiar na feira, para três dos agricultores presentes, ou seja, herdaram de seus pais o ponto na feira e resolveram continuar com a atividade.

Quadro 5 – Motivação para comercializar nas feiras livres da Praça Roque Gonzales e Tancredo Neves em Santa Maria, RS.

Dados coletados	Variável	Feira da Praça Roque Gonzales	Feira da Praça Tancredo Neves
<b>Motivações para a escolha da feira</b>	Ponto	5	<b>Informantes</b>
	Proximidade da propriedade	-	-
<b>Participação em outras feiras</b>	Sim	1	8
	Não	4	-
<b>Comercialização de produtos em outros mercados</b>	Sim	1	8
	Não	4	-

Fonte: elaborado pelos autores.

Um agricultor relatou que, juntamente com sua esposa, foi um dos pioneiros em comercializar seus produtos em feira livre em Santa Maria. Segundo ele, foi a convite da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), há 35 anos, que resolveram aceitar o desafio de participar do primeiro grupo de feirantes na Praça Roque Gonzales. Os agricultores demonstraram que estão satisfeitos com as condições sociais e financeiras que a feira lhes proporciona. Segundo as informações da pesquisa, quatro dos cinco entrevistados

estão satisfeitos e não pretendem deixar de comercializar na feira ou encontrar outros canais de comercialização; um agricultor afirmou que pretende, em longo prazo, focar em um único produto e encontrar novos mercados, e essa alternativa traria como consequência o abandono da feira. Essa perspectiva pode ser encarada como positiva, em função de que a feira deu autonomia e conseguiu potencializar uma família rural a planejar outros mercados que ultrapassam a feira local. Este é um ponto estratégico no desenvolvimento endógeno da agricultura familiar.

No entanto, a maioria dos agricultores afirmaram não participar de outras feiras, sendo que quatro dos feirantes declaram somente comercializar os produtos na feira em questão devido a sua pequena produção. Apenas um agricultor afirmou que comercializa em mais duas feiras da cidade, conforme o quadro anterior.

Para os agricultores da feira da Praça Roque Gonzales, um dos principais motivos elencados para a escolha das feiras para comercializar os produtos foram as dificuldades de conseguir se enquadrar nas legislações exigidas pelo mercado tradicional, seguida pela burocracia e pelos preços praticados pelos atravessadores, diminuindo o seu lucro consideravelmente. Além de que suas produções são em pequena escala, ficando impossível manter a quantidade mínima para comercializar em outros canais.

Na feira da Tancredo Neves, os sete entrevistados apontaram que a proximidade da unidade familiar foi o critério que utilizaram na hora da escolha, ou seja, o principal motivo levado em consideração no momento de decidir em qual feira comercializar. Contudo, esta decisão foi amparada pelo fato de o bairro Tancredo Neves ser um dos maiores bairros de Santa Maria, segundo os agricultores, o local tem um grande potencial econômico. Todos os agricultores que participaram da entrevista (oito feirantes) declaram comercializar seus produtos somente na feira em questão, existindo variação quando se trata que alguns participam nos dois dias de feira e outras em apenas um dos dias. Os agricultores também foram unânimes em afirmar que não pretendem sair da feira para comercializar seus produtos em outros mercados, alegando não terem produção suficiente e se consideram satisfeitos com o mercado no qual estão inseridos.

Segundo a pesquisa com os agricultores da feira da Tancredo Neves, os principais motivos pela escolha da feira para comercializar os produtos envolvem a praticidade, quando se trata de regularização perante o órgão pertinente, e a possibilidade de comercializar com uma pequena quantidade de produtos, além do fato de que eles têm relação direta com o

consumidor, conseguindo preços acima da média dos praticados nos mercados convencionais. Três dos agricultores informaram que já comercializaram o leite produzido na propriedade para uma cooperativa local, porém o valor que recebiam era muito abaixo dos custos de produção, considerando um preço defasado, ou seja, não conseguiam obter lucros. Um destes feirantes informou que saiu da cooperativa e comercializa o leite no bairro, entregando direto para o cliente. Segundo Redin (2015), os agricultores e os agentes de desenvolvimento podem potencializar e explorar os circuitos curtos de produção que aproximam os produtores e consumidores, bem como identificar formas de se infiltrar nos circuitos longos com valor agregado.

Após as análises dos resultados das duas feiras, as motivações pelas quais os agricultores optaram pelas feiras envolvem: a) a facilidade de inserção neste mercado sem grandes exigências regulamentação; b) a adequação e flexibilidade oferecida pela feira em relação ao tamanho da produção; e, c) neste espaço os produtos têm potencial de gerar melhores resultados econômicos em comparação a outros mercados. A construção social das feiras em Santa Maria, segundo Vedana (2004), é um espaço onde os agricultores familiares conseguem expor seus produtos para uma grande quantidade de consumidores com custos muito baixos, preços justos e promovendo a interação do rural com o urbano. É através da feira livre que acontece, toda semana, a criação de um espaço de troca de saberes e viveres onde se desenvolve a simbologia do alimento, representando um cruzamento de caminhos e trajetórias (VEDANA, 2004).

Com a análise comparativa, a única diferença presente no âmbito dos critérios da escolha da feira indica que, para os feirantes da Praça Roque Gonzales, a proximidade da propriedade não foi um fator determinante. Esta decisão pode ser pautada pelo fato de que os agricultores desta feira declararam ter um maior poder aquisitivo, o que pode ser levado em consideração na hora da escolha. Porém, para os feirantes da Tancredo Neves, o fator proximidade foi determinante para integrarem esse espaço de comercialização, uma vez que a feira escolhida se localiza no bairro, constata-se que o custo com combustível é menor e o tempo de deslocamento diminui, ou seja, são fatores decisivos que influenciaram os agricultores a optar pela mesma. Adiante, abordam-se as relações de produção e consumo dos feirantes estudados.

## Relação de produção e consumo das famílias feirantes

Historicamente, a produção agrícola foi desenvolvida mundialmente com base na agricultura intensiva, mecanizada e utilizando uma série de produtos químicos para angariar maior rentabilidade. Atualmente, a utilização de produtos químicos em massa é um tema bem difundido na sociedade e questionado por determinados setores que se engajam na questão ambiental. Durante a pesquisa na Praça Roque Gonzales, os agricultores citaram, com um sentimento de orgulho, que, em seus produtos, não eram utilizados agrotóxicos, sendo que os cinco entrevistados, em algum momento da pesquisa, mencionaram esta informação.

Outro ponto interessante é que todos os agricultores declararam que os produtos comercializados na feira são consumidos pela família e o que se produz na propriedade deixa de ser consumido no meio urbano. Por exemplo, uma feirante sustenta que não frequenta a padaria há muito tempo, pois ela produz panifícios e supriu essa necessidade. Quanto a outros canais de comercialização, dois dos agricultores afirmaram que alguns itens produzidos na propriedade são comercializados em cooperativas da cidade e três deles declararam que não comercializam para estas entidades e nem têm interesse em acessar estes canais.

Na feira da Tancredo Neves, os agricultores informaram que todos os produtos que são expostos na bancada são consumidos pela família. Essa afirmativa foi unânime entre eles, sendo que, dos oito entrevistados, todos declararam que sempre é separado uma quantia para a família e o excedente é comercializado na feira.

Ainda uma agricultora confidenciou que, quando a produção de determinado alimento é pequena, ela nem traz para comercializar pois fica para ser consumido na propriedade. Muitos deles informaram que, pelo motivo de produzirem seu próprio alimento, a compra no supermercado é sempre pequena, ficando restrita a produtos básicos. Conforme Grisa e Schneider (2008), a produção de alimentos para autoconsumo é um mecanismo muito relevante para as famílias, pois proporciona a segurança alimentar e auxilia no combate à pobreza nas propriedades rurais (GRISA; SCHNEIDER, 2008).

Pode-se perceber que os feirantes são muito comprometidos com a qualidade dos produtos que trazem à feira e que priorizam não utilizar nenhum tipo de agrotóxico. Esse ponto é um diferencial que os consumidores encontram na feira, pois estão em busca de

alimentos saudáveis. Além disso, todos informaram que não comercializam nenhum dos itens produzidos na propriedade em indústrias ou cooperativas por julgarem que os preços praticados não são satisfatórios.

Entre as duas feiras pode se observar que 100% dos agricultores entrevistados declaram que a família consome os alimentos comercializados na feira, e outro ponto interessante é o comprometimento dos feirantes com a qualidade dos seus produtos, ou seja, é intrínseco deles produzir alimentos saudáveis tanto para família quanto para consumidores. A única diferença entre as feiras é que, na da Praça Roque Gonzales, dois dos feirantes entrevistados comercializam seus produtos em cooperativas, sendo que os feirantes da Tancredo Neves não praticam com a justificativa de não concordarem com os preços.

### **Considerações finais**

Nesse trabalho objetivou-se estabelecer os motivos que levaram os agricultores de Santa Maria, RS a escolherem as feiras livres para comercializar seus produtos, bem como, construir um perfil dos feirantes e destacar a importância desse espaço para o desenvolvimento rural local. Os resultados demonstraram que os principais fatores que levam os agricultores a ingressar na feira é porque este espaço oferece um canal flexível, uma vez que conseguem gerenciar sua produção, horários e garantem preços mais justos, pois eliminam os intermediários no processo de comercialização. Além de que o processo para se regularizar na feira é prático e pouco burocrático, com baixos custos, o que atrai muitos agricultores.

A feira livre é um canal muito relevante para comercialização de alimentos na sociedade contemporânea, em especial, para os agricultores familiares de Santa Maria/RS, pois ela representa uma alternativa de fácil acesso ao comércio. Para os feirantes da Praça Roque Gonzales, o que os levou a escolher a feira, em específico, foi pelo motivo de que a maioria dos feirantes é pioneira em participar dessa modalidade de comércio na cidade, e receberam o convite da agência de extensão rural pública local em um momento que estavam implantando as feiras na cidade, outros, ainda, pelo fato de realizar a sucessão da família nas atividades.

Na feira livre da Tancredo Neves, os agricultores utilizaram o critério de localização, pois todos revelaram que a escolha da feira foi baseada na proximidade da sua propriedade.

Baseando-se nos dados extraídos pela pesquisa, verificou-se que os agricultores das feiras analisadas de Santa Maria, RS, em sua grande maioria, têm acima de 51 anos, possuem uma renda entre um e dois salários mínimos, o que é consideravelmente boa se for comparado com o tamanho de sua propriedade. Os agricultores que foram entrevistados, de uma forma geral, declararam que a feira representa um complemento na renda familiar e que este canal é um espaço de inserção no mercado local. Foram colhidos relatos de donas de casa e pessoas que são portadoras de doenças, que alegam encontrarem na feira maior flexibilidade do que no mercado tradicional por ser um espaço de autogestão. As feiras proporcionam uma integração entre o rural e o urbano, nelas se formam relações entre produtores e consumidores, calcadas no estabelecimento de laços de confiança e camaradagem. Esse ambiente faz com que os agricultores estejam muito satisfeitos com esse mercado e não tenham interesse de deixar a feira.

## Referências

- ABRAMOVAY, R. Alimentos versus população: está ressurgindo o fantasma malthusiano? **Ciência e Cultura**. São Paulo, v. 62, n. 4, p. 38-42, 2010.
- BALEM, T. A.; SILVA, G. P.; SILVEIRA, C. R. P. O papel da alimentação social na construção de mercados para a agricultura familiar. In: GUIMARAES, G. M.; BALEM, T. A.; SILVEIRA, P.; R; C.; ZIMMERMANN, S. A. (Org.). **O rural contemporâneo em debate: temas emergentes e novas institucionalidades**. Ijuí: Unijuí, 2015. p. 235-251.
- BARROS, A. J.; LEHFELD, N. A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Prentice Hall, 2007.
- BELIK, W. Perspectivas para segurança alimentar e nutricional no Brasil. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v.12, n. 1, p.12-20, jan./jun. 2003.
- BRASIL. Lei n. 11.326, de 24 de julho de 2006. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. **Congresso Nacional**, DF, 24 jul. 2006. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/l11326.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11326.htm). Acesso em: 09 abr. 2019.
- BRASIL. Lei n. 11.947, de 16 de junho de 2009. Dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar aos alunos da Educação Básica no Programa Dinheiro Direto na Escola aos alunos da Educação Básica [...]. **Congresso Nacional**, DF, 16 jun. 2009. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/lei/l11947.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l11947.htm). Acesso em: 28 abr. 2019.
- BRASIL. Resolução. /CD/FNDE nº 38 de 16 de julho de 2009. Dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar aos alunos da Educação Básica no Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE. **Ministério de Educação**, DF, jul. 2009. Disponível em:

<https://www.fn-de.gov.br/index.php/acesso-a-informacao/institucional/legislacao/item/3341-resolu%C3%A7%C3%A3o-cd-fnde-n%C2%BA-38-de-16-de-julho-de-2009>. Acesso em: 28 abr. 2019.

BUAINAIN, A. M.; GARCIA, J. R.; VIEIRA J. P. A. O desafio alimentar no século XXI. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 24, n. 2, p. 497-522, 2016.

CENSO AGROPECUÁRIO. **Censo agropecuário 2006**: primeiros resultados. Rio de Janeiro: IBGE, 2006.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. **Metodologia científica**. São Paulo: Prentice Hall, 2007.

CHEUNG, T. L. Desenvolvimento da agricultura familiar: investigação sobre o espaço rural e o território como referência para estudar o caso do município de Terenos, MS. **Interações**, Campo Grande, v. 14, n. 2, p. 189-195, jul./dez. 2013.

CONFEDERAÇÃO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA DO BRASIL. CNA. **PIB do agronegócio tem alta de 1,09% em 2016**. 2016. Disponível em: <http://sna.agr.br/pib-do-agronegocio-tem-alta-de-109-em-2016/>. Acesso em: 10 abr. 2019.

CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM ECONOMIA APLICADA. CEPEA. **O CEPEA calcula o PIB do Agronegócio com apoio financeiro da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA)**. 2016. Disponível em: <http://www.cepea.esalq.usp.br/br/pib-do-agronegocio-brasileiro.aspx>. Acesso em: 10 abr. 2019.

CRUZ, F. T. da. **Produtores, consumidores e a valorização de produtos tradicionais**: um estudo sobre qualidade de alimentos a partir do caso do queijo serrano dos campos de cima da Serra/RS. 292 f. (Tese de Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012b.

CRUZ, S. S. O fenômeno da pluriatividade no meio rural: atividade agrícola de base familiar. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n.110, p. 241-269, abr./jun. 2012a.

CRUZ, V. A. G. **Metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: Prentice Hall, 2009.

CRUZ, V. A. G. **Metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: Prentice Hall, 2013.

FEDERAÇÃO DA AGRICULTURA DO ESTADO DO PARANÁ. FAPEP. **PIB do agronegócio tem alta de 1,09% em 2016**. Disponível em: <http://www.sistemafaep.org.br/pib-agronegocio-tem-alta-de-109-em-2016.html>. Acesso em: 10 abr. 2019.

SILVA, G. P.; DEON, P. R. C. O protagonismo do agricultores familiares na construção social de mercados - formas de organização e ação. In: GUIMARAES, G. M.; BALEM, T. A.; SILVEIRA, P. R. C.; ZIMMERMANN, S. A. (Org.). **O rural contemporâneo em debate**: temas emergentes e novas institucionalidades. Ijuí: Unijuí, 2015. p. 71-74.

FINATTO, R. A.; SALAMONI, G. Agricultura familiar e agroecologia: perfil da produção de base agroecológica do município de Pelotas/RS. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 20, n. 2, p. 199-217, dez. 2008.

GRISA, C.; GAZOLLA, M.; SCHNEIDER, S. A "produção invisível" na agricultura familiar: autoconsumo, segurança alimentar e políticas públicas de desenvolvimento rural. **Agroalimentaria**, Mérida, v. 16, n. 31, p. 65-79, jul. 2010.

GRISA, C.; SCHNEIDER, S. "Plantar para o gasto" a importância do autoconsumo entre famílias de agricultores do Rio Grande do Sul. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Brasília, v. 46, n. 2, p.481-515, abr./jun. 2008.

KOHLIS, V. K; ANJOS, F. S; CRIADO, E. A. Indicação geográfica como estratégia de qualificação vitivinícola pelas lentes evolucionárias e pela visão baseada em recursos. *In*: ANJOS, F. S; CALDAS, N. V. (Org.). **Construção social da qualidade na produção agroalimentar**. São Paulo: LiberArs, 2014. p. 75-96.

MALUF, R. S. Mercados agroalimentares e a agricultura familiar no Brasil: agregação de valor, cadeias integradas e circuitos regionais. **Ensaios FEE**, Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 299-322, abr. 2004.

NIEDERLE, P. A.; FIALHO, M. A. V.; CONTERATO, M. A. A pesquisa sobre agricultura familiar no Brasil - aprendizagens, esquecimentos e novidades. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 52, p. 9-24, 2014.

NORA, F. D.; ZANINI, M. C. A feira como um espaço de sociabilidade. **Revista Retratos de Assentamentos**, v. 18, n. 1, p. 135-154, 2015.

PLOEG, J. D. Mercados aninhados recém criados: uma introdução teórica. *In*: MARQUES, F. C; CONTERATO, M. A; SCHNEIDER, S. (Orgs). **Construção de mercados e agricultura familiar: desafios para o desenvolvimento rural**. Porto Alegre: UFRGS, 2016. p. 21-52.

PORTAL BRASIL. **Agricultura familiar produz 70% dos alimentos consumidos por brasileiros**. 2015. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2015/07/agricultura-familiar-produz-70-dos-alimentos-consumidos-por-brasileiro>. Acesso em: 10 abr. 2019.

REDIN, E. Construção social de mercados: a produção orgânica nos assentamentos do Rio Grande do Sul, Brasil. **Interações**, Campo Grande, v. 16, n.1, p. 55-66, jan./jun. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/151870122015104>. Acesso em: 23 jul. 2019.

RODER, E. S. F.; SILVA, E. L. Agricultura familiar e as teses de doutorado no Brasil. **Transinformação**, v. 25, n. 2, p. 111-126, maio/ago. 2013.

SCHNEIDER, S. Teoria social, agricultura familiar e pluriatividade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 18, n. 51, p. 99-122, fev. 2003.

VEDANA, V. **Fazer a feira: Estudo etnográfico das "artes de fazer" de feirantes e fregueses da Feira da Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre**. 2004. 251 f. (Dissertação de Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2004.

WANDERLEY, M. N. B. O agricultor familiar no Brasil: um ator social da construção do futuro. **Revista Agriculturas (Impresso)**, v. Espec., p. 33-46, 2009.

WANDERLEY, M. N. B. O campesinato brasileiro: uma história de resistência. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Piracicaba, São Paulo, v. 52, supl. 1, p. 25-44, fev. 2014.

WEID, J. M. V. D. Um novo lugar para a agricultura. **Revistas Agrícolas (Impresso)**, v. Espec., p. 47-65, 2009.

## Dados dos autores

### Ezequiel Redin

Curso Superior de Tecnologia em Agropecuária: Sistemas de Produção (UERGS) - CREA RS 160488; Bacharel em Administração (ULBRA); Licenciatura plena para a Educação Profissional (UFSM); Licenciatura em Filosofia (UFSM); Pós-graduação em Gestão Pública Municipal (UFSM); Pós-graduação em Tecnologias de Informação e Comunicação aplicadas à Educação (UFSM); Pós-graduação em Ensino de Sociologia no Ensino Médio (UFSM); Pós-graduação em Ensino de Filosofia no Ensino Médio (UFSM); Mestrado e Doutorado em Extensão Rural (PPGExR/UFSM); Editor da Revista Extensão Rural. É professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos Rurais (PPGER) e do Instituto de Ciências Agrárias (ICA) da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) - Campus Unaí, MG. E-mail: [ezequielredin@gmail.com](mailto:ezequielredin@gmail.com). ORCID iD <https://orcid.org/0000-0002-3750-8225>.

### Bruna Saldanha Vogelei

Bacharelado em Administração pela Faculdade Metodista de Santa Maria. E-mail: [brunavogelei@hotmail.com](mailto:brunavogelei@hotmail.com).